

## DA ORALIDADE AO IDEOLOGEMA NO CONTO “THE MAN WHO WAS ALMOST A MAN” DE RICHARD WRIGHT: UMA ANÁLISE DIALÓGICA

Naiara Medeiros de Oliveira<sup>1</sup>  
Orison Marden Bandeira de Melo Júnior<sup>2</sup>

**RESUMO:** A literatura afro-americana, que se inicia com uma busca pela explicitação das mazelas a que os escravos negros eram submetidos, passa a representar o negro, no período do Harlem Renaissance no ambiente de violência imposto pela era da segregação legalizada, a era Jim Crow. Nesse contexto, encontra-se o conto “The Man Who Was Almost a Man” de Richard Wright. Este trabalho objetiva, portanto, analisar as marcas de oralidade na fala do protagonista do conto, em contraste com a fala do seu empregador branco, a fim de buscar a sua relevância para o enredo da obra ficcional e uma significação social. Pautado nos estudos do Círculo (de Bakhtin), a análise seguiu o caminho metodológico que vai do texto ao seu contexto, da oralidade da fala da personagem à quebra desses limites linguístico-materiais (a fala compreendida como ideologema), buscando o seu contexto social concreto. Percebemos que as marcas de oralidade na fala do protagonista negro refletem e refratam o posicionamento de inferioridade imputado ao afro-americano, desde o período da escravidão até o período Jim Crow. Não são, portanto, apenas marcas de oralidade, mas marcas sociais e históricas de seres humanos segregados legalmente, sendo-lhes conferidas as piores condições de subsistência e de escolaridade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Oralidade. Ideologema. Segregação. “The man who was almost a man”. Richard Wright.

**ABSTRACT:** The African-American literature, which begins with a search for the explanation of the ills by which black slaves were subjugated, becomes a representation of African-Americans in the Harlem Renaissance period, an environment of violence imposed by the legalized segregation, the Jim Crow era. In this context is placed the short story "The man who was almost a man" by Richard Wright. Therefore, this work aims to analyze the orality marks in the speech of the protagonist in contrast to the speech of his white employer, in order to find its relevance to the fictional plot and a social significance. Based on studies of The Bakhtin Circle, the analysis follows a methodological way which goes from the text to its context, from the orality of the character's speech to the break of these material-linguistic limits (speech understood as an ideologem), looking for its concrete social context. We observed that the orality marks in the protagonist's speech reflect and refract the position of inferiority attributed to African-Americans, from slavery to the Jim Crow period. Thus, these are not only orality

---

<sup>1</sup> Aluna do curso de Letras-Ingês da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e bolsista de PIBIC – UFRN, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: [naiara\\_may2@hotmail.com](mailto:naiara_may2@hotmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Linguística Aplicada e professor do curso de Letras-Ingês do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: [junori36@cchla.ufrn.br](mailto:junori36@cchla.ufrn.br).

marks, but social and historical marks of legally segregated human beings, to whom are designated the worst conditions of subsistence and schooling.

**KEYWORDS:** Orality. Ideologem. Segregation. “The man who was almost a man”. Richard Wright.

## Introdução

A literatura afro-americana, apesar da pouca visibilidade no contexto escolar no Brasil, traz consigo um grande patrimônio histórico e cultural que pode enriquecer a própria compreensão da nossa literatura brasileira/afro-brasileira, tendo em vista que, segundo Bakhtin (2010a), no encontro dialógico de duas culturas, cada uma “mantém a sua unidade e a sua integridade *aberta*, mas elas se enriquecem mutuamente” (p. 366; grifo do autor).

Diante disso, a literatura afro-americana se torna uma fonte para possíveis estudos literários que buscam compreender a obra em sua totalidade, no que diz respeito tanto aos elementos formais de sua construção, o que inclui a própria língua, entendida por Voloshinov (1983d) como o material e o instrumento da construção literária, quanto aos não formais, como o contexto social e histórico dos negros americanos e suas vozes, entendidas, segundo Flores et al. (2009, p. 187) e Emerson (1984, p. xxxvi), como posições, pontos de vista sobre o mundo. Para um estudo que inclui os aspectos formais e não formais de uma obra literária, este trabalho tem como base a Análise Dialógica do Discurso (ADD), que é firmada pelos estudos do Círculo (Bakhtin, Volóchinov e Medviédev). Para Brait (2010), “[o] enfrentamento bakhtiniano da linguagem leva em conta [...] as particularidades discursivas que apontam para contextos mais amplos, para um extralinguístico aí incluído” (p. 13).

Vale ressaltar que uma análise literária a partir da ADD tem, como base, conceitos fundantes desse posicionamento teórico-analítico de compreender a arte literária. Entre esses conceitos, está o da palavra, compreendida como signo ideológico (VOLÓCHINOV, 2017), que é preenchida por crenças e posicionamentos, e reflete e refrata<sup>3</sup> pensamentos e diferentes avaliações (VOLOSHINOV, 1983b)<sup>4</sup>. Dessa forma, a análise literária do conto “The man who was almost a man”, do autor afro-americano Richard Wright, objeto deste estudo, leva o

<sup>3</sup> Segundo Faraco (2009, p. 50), *refratar* significa que não só descrevermos o mundo por meio dos nossos signos, “mas o construímos – na dinâmica da história e por decorrência do caráter sempre múltiplo e heterogêneo das experiências concretas dos grupos humanos – diversas interpretações (refrações) desse mundo”.

<sup>4</sup> As citações diretas dos ensaios de Voloshinov (1983a; 1983b; 1983c; 1983d) serão feitas a partir do texto em inglês, tendo em vista serem traduções diretas do russo. As traduções que temos publicadas desses ensaios ao português são traduções secundárias.

analista, ao se deparar com um forte uso da linguagem oral, a buscar compreendê-la além das marcas fonéticas da língua inglesa.

Ao considerarmos o pensamento de Voloshinov (1983b) de que ideologias de classes entram no enunciado como “*o fator, aquela força ativa que tem uma influência decisiva sobre a sua estrutura estilística*” (p. 148; grifos do autor; nossa tradução)<sup>5</sup>, é extremamente relevante a percepção de como a materialização da linguagem oral no conto em questão, que ocorre principalmente na voz das personagens negras, pode, dessa forma, refratar a posição histórico-social que esses indivíduos tinham nessa sociedade. Além disso, Bakhtin (2015, p.125) aponta que uma linguagem peculiar do romance “é sempre um ponto de vista peculiar sobre o mundo, que aspira a uma significação social”, o que nos leva ao seguinte questionamento: em que medida as marcas de oralidade nas vozes do protagonista do conto, em comparação com outras personagens, refratam ideologias sociais referentes à realidade do sujeito Afro-americano nos Estados Unidos no início do século XX?

Para respondermos a esse questionamento, de modo a evitar uma abordagem formalista ou variacionista, que iria se deter apenas na análise da materialidade e na forma em que ela ocorre, objetivamos, com este trabalho, (i) analisar material e discursivamente a voz do protagonista do conto, Dave Saunders; (ii) comparar as vozes de Dave com o seu empregador, Mr. Hawkins, no que diz respeito ao uso da linguagem oral; e (iii) identificar os discursos que perpassam a voz do protagonista, uma vez que essas variações da língua inglesa recorrentes na obra são enunciados permeados por posicionamentos ideológicos que refletem e refratam uma determinada realidade social.

Dessa forma, neste trabalho, propomos um novo olhar para o conto “The Man Who Was Almost a Man” com base na ADD, buscando dar, dessa forma, maior visibilidade a obras de escritores afro-americanos, como Richard Wright, primeiro afro-americano a ser autor de um best-seller: o livro *Native Son*, de 1940. Para atingir os objetivos propostos, este trabalho será dividido nas seguintes sessões: Da oralidade ao ideologema: um percurso teórico; A literatura afro- americana e Richard Wright; Oralidade e ideologema no conto “The Man Who Was Almost a Man” e suas implicações; e Considerações finais.

---

<sup>5</sup> Texto fonte: “*the factor, that active force which has the decisive influence on its stylistic structure*”.

### Da oralidade ao ideologema: um percurso teórico

De acordo com Voloshinov (1983a, p. 114), quando nos comunicamos, há sempre um movimento de interação; isto é, para que um enunciado se realize, é preciso que haja não só um falante, mas também um ouvinte. A linguagem, em constante movimento, não se configura como algo morto e estático na sociedade, pois, nela, são produzidas diversas formas de enunciado. Nesse contexto, o autor define o enunciado como a unidade real da comunicação, “uma gota na corrente da comunicação verbal, uma corrente que é tão continua quanto a própria vida social ou a história” (VOLOSHINOV, 1893a, p. 114; nossa tradução)<sup>6</sup>.

Para Voloshinov (1983a, p. 116), o enunciado concreto possui, além dos elementos verbais, os elementos não verbais, os quais o autor define como *situação* e *audiência*. Esses elementos precisam ser levados em consideração; do contrário, o enunciado não pode ser compreendido. A situação, o primeiro elemento não verbal, implica três outros componentes: o tempo e lugar onde se situa o enunciado (quando e onde), o tema do enunciado (o tópico sobre o qual está sendo falado) e a avaliação (a atitude e julgamento dos falantes a respeito do que foi falado). É devido à mudança da situação que, muitas vezes, uma mesma expressão possui diferenças de sentido.

A audiência, o segundo elemento não verbal do enunciado, é fundamental para a sua existência, ao passo que sempre haverá uma orientação social nos enunciados que produzimos. Consequentemente, a relação *sociohierárquica* existente entre os falantes é considerada, visto que o enunciado pode se alterar de acordo com a posição que o falante e o ouvinte possuem na sociedade (VOLOSHINOV, 1983a).

Certamente, o conteúdo e o sentido do enunciado requerem uma forma para que possam ser concretizados: “[s]e não existir uma expressão material, não haverá enunciado, bem como não poderá haver experiência” (VOLOSHINOV, 1983a, p. 126; nossa tradução)<sup>7</sup>. Os elementos materiais aos quais o autor se refere são os elementos constituintes básicos da forma do enunciado: a *entonação* (a forma como o som da palavra é expresso), a *escolha das palavras* e a *disposição das palavras* (a forma como elas se organizam no enunciado).

Ao discutirmos o conceito de *palavra*, cuja escolha e disposição constituem o elemento material do enunciado, é importante estarmos inteirados da forma como Voloshinov (1983b) discorre sobre ela. Segundo ele, a palavra tem um significado mais amplo que vai além daquele

<sup>6</sup> Texto fonte: “One drop in the stream of speech communication, a stream which is as continuous as social life or history themselves”.

<sup>7</sup> Texto fonte: “If there is no material expression, there can be no utterance, just as there can be no experience”.

encontrado nos dicionários: a palavra, ao indicar algo fora de si mesma, adquire um novo sentido, passa a ser signo. Ainda de acordo com o autor, a palavra, como “um fenômeno da realidade material se torna um fenômeno de realidade ideológica” (VOLOSHINOV, 1983b, p.142; nossa tradução)<sup>8</sup>, uma vez que o signo carrega consigo diferentes posicionamentos socioideológicos, um fenômeno formado a partir da coletividade dos falantes em uma sociedade.

Voloshinov (1983b, p. 140) explica que a *ideologia de classes* não é um fator que exerce influências sobre o signo externamente: tal ideologia já lhe está integrada, preenchendo-a a partir do seu interior. Consequentemente, uma expressão verbal expressa, por meio da própria forma e conteúdo, a relação existente entre o falante e a situação e audiência. O autor afirma que uma palavra, ao se tornar um signo, “toma para si um sentido que vai além dos limites da sua natureza unitária ou seu propósito específico” (VOLOSHINOV, 1983b, p.142; nossa tradução)<sup>9</sup>. Desse modo, além de fenômeno ideológico, a palavra continua sendo parte da realidade material.

Ademais, Voloshinov (1983b) acredita que a palavra, compreendida como signo ideológico e “*fenômeno ideológico par excellence*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 98; grifo do autor), não reflete apenas a realidade social, mas também a refrata no intercâmbio social do discurso. Dessa forma, o autor defende que a relação entre as classes, ao ser refratada na palavra, determina um sentido específico que atribui um ponto de vista e uma avaliação a ela mesma. Em outras palavras, em um signo ideológico são manifestas várias relações sociais, mas não como uma mera fotografia da realidade, dado que essa palavra foi falada por uma pessoa real em um contexto de comunicação. É por esta razão que a palavra também *refrata* a realidade e é viva dentro de um enunciado real.

Ao considerar a linguagem como um fenômeno social vivo, Voloshinov (1983c) afirma que toda criação ideológica ocorre apenas em um meio social. Dessa maneira, “as formações ideológicas são internamente e imanentemente sociológicas” (VOLOSHINOV, 1983c, p.7; nossa tradução)<sup>10</sup>, e a arte, diante disso, é imanentemente social. O autor aponta que a arte interage com o ambiente externo, uma vez que essas formações sociais agem uma sobre a outra. É importante lembrarmos que, para o autor, o contexto social não é uma causa externa que

<sup>8</sup> Texto fonte: “A phenomenon of material reality has become a phenomenon of ideological reality”.

<sup>9</sup> Texto fonte: “It takes on a significance which goes beyond the *limits* of its unitary existence or its specific purpose”.

<sup>10</sup> Texto fonte: “Ideological formations are internally immanently sociological”.

influencia o enunciado de fora para dentro: o contexto já é incorporado ao enunciado como parte de sua estrutura interna.

Portanto, Voloshinov (1983c) afirma que, para analisar a arte e as relações sociais estabelecidas, especialmente na literatura, é preciso que iniciemos a análise a partir dos elementos materiais do texto, que são a substância verbal pura da arte. Certamente, ela não se deterá apenas na forma, visto que as palavras são preenchidas pelos inúmeros elementos do contexto social. Nesse sentido, os elementos materiais da palavra, como a articulação, entonação e significado, guiam o leitor para muito além do texto, além dos “limites da palavra” (VOLOSHINOV, 1983c, p. 21; nossa tradução)<sup>11</sup>. Em virtude disso, destaca-se, para o autor, a diferença entre a análise puramente linguística e a análise sociológica da arte: para a primeira, interessa apenas a análise dos elementos linguísticos abstratos (elementos sintáticos, morfológicos, etc.); a segunda, por sua vez, é focada na análise das relações sociais que são refletidas e refratadas no material verbal artístico (VOLOSHINOV, 1983c, p.21).

A visão de linguagem como fenômeno social vivo e a discussão sobre análise literária a partir da imagem material para o contexto externo também são tratados por Bakhtin (2015) em seu ensaio “O discurso no romance”. O autor mostra que, na obra romanesca, variadas combinações de linguagem são capazes de formar uma unidade maior e superior. Por sua vez, essa unidade admite uma diversidade de vozes sociais e correlações entre enunciados que dialogam.

Nesse sentido, a prosa romanesca se baseia na estratificação interna da linguagem, bem como na diversificação social de linguagens e vozes. Para o autor, forças histórico-reais da formação verbal e ideológica de certos grupos sociais “criam a vida da linguagem” (BAKHTIN, 2015, p. 39). Tais forças são nomeadas de *forças centrípetas*, forças de unificação e centralização das ideologias verbais, resultado de processos históricos de unificação linguística (BAKHTIN, 2015, p. 39-40).

Entretanto, a linguagem diverge, em cada momento da sua formação, não só no que diz respeito aos indícios puramente linguísticos, mas também aos aspectos socioideológicos. Segundo o autor, “a própria linguagem literária é apenas uma das linguagens do heterodiscurso e, por sua vez, também está estratificada em linguagens” (BAKHTIN, 2015, p. 41). Esta estratificação e a diversidade de vozes expandem-se na medida em que a língua se desenvolve, permitindo que as forças centrípetas trabalhem ao lado das *forças centrífugas da língua*, os contínuos processos de descentralização e desunificação.

---

<sup>11</sup> Texto fonte: “confines of the word”.

De acordo com Bakhtin (2015), a diversidade de línguas/discursos é compreendida como *heterodiscurso*<sup>12</sup>. Para o autor, o heterodiscurso no romance é “*discurso do outro na linguagem do outro*, que serve à expressão refratada das intenções do autor” (BAKHTIN, 2015, p. 113; grifos do autor). Nesse discurso, há duas vozes “correlacionadas dialogicamente” (BAKHTIN, 2015, p. 113), que compartilham de um conhecimento mútuo e dialogam entre si. O heterodiscurso também pode ser evidenciado no discurso no narrador, quando, por trás do seu relato (da sua narração), é possível perceber também o relato (a narração) do autor a respeito do que está sendo narrado. Neste caso, existem dois planos: o do narrador e o do autor, que tem seu discurso refratado com e através da narração do narrador.

Além disso, há casos em que um enunciado pertence a um único falante em sua composição, porém nele se confundem dois enunciados distintos em diversos aspectos, como estilo, linguagem e modo de falar. Esses enunciados são definidos, por Bakhtin (2015), como *construções híbridas*, pois não há fronteiras formais que separem essas vozes distintas presentes em sua composição. Bakhtin (2015, p. 89) afirma que “o discurso do outro [...] em parte alguma está delimitado do discurso do autor: os limites são deliberadamente movediços e ambíguos”.

O heterodiscurso penetra e integra o romance e é materializado em imagens de pessoas que falam. Sendo assim, Bakhtin (2015, p. 124) explica que o romance necessita de falantes que “tragam sua palavra ideológica original, sua linguagem”, isto é, o homem que fala e a sua palavra. Esse sujeito é caracterizado pelo autor como um ideólogo, e suas palavras são chamadas de *ideologemas*, pois a linguagem particular do romance representa um ponto de vista e demanda uma significação social. Dessa forma, como ideologema, o discurso é considerado um objeto de representação do próprio romance.

O sujeito falante no romance, para Bakhtin (2015, p. 125), tem sua ação “iluminada” ideologicamente, sendo ela sempre associada ao discurso e a um “motivo ideológico”. Segundo o autor, até mesmo a maneira de agir da personagem se torna essencial para a expressão da sua posição ideológica e da sua palavra, uma vez que “[a] ação do herói romanesco sempre é ideologicamente destacada: ele vive e age em seu próprio universo ideológico” (BAKHTIN, 2015, p. 127).

---

<sup>12</sup> É importante a menção de que Paulo Bezerra, tradutor do ensaio “O discurso no romance”, ao traduzir a palavra *raznorétschie* para o português, opta pela expressão heterodiscurso em vez de plurilinguismo ou heteroglossia. Para ele, na terminologia bakhtiniana, “heterodiscurso inclui: dialetos sociais, maneiras de grupos, jargões profissionais, as linguagens dos gêneros, das gerações e das faixas etárias, das tendências e dos partidos, as linguagens das autoridades, dos círculos e das modas passageiras, dos dias sociopolíticos e até das horas. Em suma, trata-se de um heterodiscurso social que traduz a estratificação interna da língua e abrange a diversidade de todas as vozes sociais em sua dimensão histórico-antropológica” (BEZERRA, 2015, p. 247).

Além disso, o processo de formação ideológica da pessoa que fala é um processo de comunhão com o universo ideológico, por meio da qual há a “assimilação seletiva das palavras dos outros” (BAKHTIN, 2015, p. 135). No entanto, essa palavra (discurso) assimilada busca determinar os fundamentos da relação ideológica do falante com ao mundo que o cerca e do seu próprio comportamento, atuando como *discurso autoritário* e *discurso interiormente persuasivo*: o primeiro é reconhecido socialmente no passado e se encontra vinculado com a autoridade, como, por exemplo, o discurso dos pais, da igreja, da ciência, entre outros; o segundo se trata daquele que tem papel determinante no processo de formação ideológica da consciência individual, pois se “entrelaça de modo estreito à ‘sua palavra’” (BAKHTIN, 2015, p. 140). No interior da consciência do indivíduo, esse discurso se divide meio a meio: pertence tanto ao falante quanto ao outro, adaptando-se a novos contextos.

É com base, portanto, nos conceitos ora discutidos, mesmo que brevemente, neste artigo, que buscaremos analisar dialogicamente a relação entre oralidade e ideograma no conto “The Man Who Was Almost a Man” de Richard Wright (2007) e suas implicações socioideológicas. Para tal, será necessária, em primeiro lugar, uma breve contextualização da literatura Afro-americana e do autor do conto que nos propomos a analisar.

### **A literatura Afro-americana e Richard Wright**

A literatura Afro-americana tem uma origem relacionada à necessidade de consolidar uma identidade racial e cultural. Segundo Graham e Ward (2011), a literatura afro-americana expressava militância, ativismo, assim como a busca pelo fim de uma visão negativa a respeito dos negros. No período entre 1600-1800, a literatura escrita ou oral produzida por negros, até então escravos, tinha como tema principal as mazelas da escravidão e o desejo pela liberdade. Em meados do século 19, surgiram as *Slave Narratives*, que buscavam retratar a sobrevivência de afro-americanos na América escravocrata. Durante o período chamado *Antebellum* (1800-1865), autores como Frederick Douglass e Harriet Jacobs, buscaram, por meio de suas narrativas, contar suas próprias histórias como escravos e apoiar a abolição (DEROUCHE; MIRAOU, 2016).

Na *Era da Reconstrução* (1865-1900), mesmo com a abolição da escravidão, os negros americanos ainda estavam longe de alcançar a igualdade. Segundo Derouiche e Miraoui (2016), os escritores afro-americanos continuaram a discutir o tema da escravidão, também enfatizando a importância da alfabetização para obter liberdade social, econômica e política. A literatura

afro-americana produzida nesse período inclui tradições orais, como sermões, discursos e temas acerca da espiritualidade e religião. No período da Reconstrução houve apenas uma breve pausa da violência que caracteriza os anos anteriores e durante a Guerra Civil. Entretanto, as esperanças de uma igualdade racial rapidamente diminuíram quando as leis *Jim Crow* (segregação legalizada) entraram em vigor.

Derouiche e Miraoui (2016) explicam que, ainda na era *Jim Crow*, surge o movimento chamado *Harlem Renaissance* em Nova York (1900-1940), trazendo uma grande atenção para a literatura afro-americana. Tendo como base a comunidade negra de Harlem, bairro considerado um centro cultural para afro-americanos em Nova York, surgiram, nessa era, inúmeros artistas não só na literatura, mas na música, arte e política. A *Harlem Renaissance* é conhecida como momento da popularização do Jazz e pela vasta produção literária, tendo, como destaque, escritores como Langston Hughes e Zora Neale Hurston.

Entre o período *Harlem Renaissance* e o *African-American Civil Rights Movement* (Movimento dos direitos civis liderado pelos afro-americanos), a literatura afro-americana passou a empregar técnicas mais realistas. Richard Wright, um destaque nesse período, enfatiza a experiência negra, a violência, a hostilidade e a negritude em suas obras. O naturalismo de Wright é centrado na determinação econômica, de modo a descrever as pressões sociais e psicológicas sofridos pelos negros nos Estados Unidos. Esses conflitos são retratados no romance *Native Son* (1940), no qual o protagonista, Bigger Thomas, é afetado diretamente pela injustiça racial das instituições americanas (HIGH, 1986).

Conforme Baym (2007), Wright foi considerado um dos escritores mais importantes da prosa modernista experimental. Suas obras “converteram” o impulso afro-americano pela autoaniquilação em uma vontade de confrontar o mundo e lançar essas descobertas de forma ousada sobre a consciência “culpada” da América. Para a autora, nas obras *Uncle Tom’s Children* (1938) e *Black Boy* (1945), Wright reafirma o desespero dos negros americanos que viviam sob as Leis *Jim Crow*. Para Moskowitz (2008), ninguém antes de Wright havia exposto a opressão enfrentada pelos negros na América com tanto poder emocional. Segundo ele, os livros de Richard Wright teriam dado as bases necessárias para o movimento de direitos civis das décadas de 1950 e 1960.

Feita essa contextualização da literatura afro-americana e da obra de Richard Wright, passemos, então, à análise do conto “The Man Who Was Almost a Man”, focando a estratificação da oralidade das personagens que falam no conto.

### Oralidade e ideologema no conto “The Man Who Was Almost a Man” e suas implicações

“The Man Who Was Almost a Man”, também conhecido como “Almos’ a Man”, é um conto do autor afro americano Richard Wright (1908 – 1960). A narrativa foi publicada em 1961, como parte de uma compilação de contos de Wright intitulada *Eight Men*. A história gira em torno de Dave, um jovem afro-americano que trabalha nas lavouras de Jim Hawkins. Cansado de ser tratado ainda como um garoto, Dave se mostra desesperado para provar que já é um homem e ser respeitado como tal. O jovem de 17 anos planeja realizar essa ambição, comprando uma arma na loja de Joe, onde consegue um catálogo de armas. Joe, ao perceber seu interesse, oferece-lhe uma arma velha por apenas dois dólares, valor que Dave pode pagar com o dinheiro que recebe pelo seu trabalho árduo. Depois de muito argumentar, o garoto convence sua mãe a dar-lhe os dois dólares, com a ressalva de que ele trará a arma diretamente para casa e irá entregá-la ao seu pai. No entanto, ao invés disso, ansioso para usar a arma, Dave vai para o trabalho antes mesmo de o sol nascer, encontrando Mr. Hawkins, seu patrão, que pede para o jovem ir arar o campo com Jenny, a sua mula.

Uma vez que Dave fica fora de alcance, ele carrega a arma e se prepara para disparar floresta adentro. De repente, ele percebe que Jenny foi atingida e entra em pânico ao concluir que a mula irá morrer. Dave enterra a arma e volta para a fazenda, contando uma história inacreditável para o patrão, que, por sua vez, não acredita. Para compensar o prejuízo, Dave terá que pagar cinquenta dólares para Hawkins, o que levará mais de dois anos de trabalho em suas terras. Irritado pela situação e com medo da reação dos pais, Dave pega a arma, mas não volta para casa. Ele atira algumas vezes, feliz por agora ter conseguido tal conquista, e vai em direção à estação de trem, deixando sua casa, família e trabalho para sempre.

Ao ler o conto “The Man Who Was Almost a Man”, o leitor se depara, com estranheza, com a forma material na qual as vozes dos personagens negros se realizam. É possível identificar a voz de Dave, o protagonista, em três instâncias no texto: pela estrutura de interlocução dos diálogos (discurso direto) que é mais delimitada, na presença dos verbos *dicendi* (disse, respondeu, perguntou, etc.) e pelo discurso indireto livre, uma vez que, na fala do narrador, há evidências da voz de Dave. Ou seja, há uma mudança abrupta na estrutura narrativa, pois o narrador “empresta” o seu espaço para que sejam inseridas as falas do personagem. Desse modo, identificamos a mudança da voz do narrador para a de Dave devido às marcas orais, que sinalizam que ali não é mais a fala do narrador, mas a do protagonista, apesar de não haver nenhuma outra marca além das representações fonéticas.

Para compreender a fala de Dave, é necessária uma compreensão efetiva das representações fonéticas da língua inglesa, tendo em vista que, na voz desse personagem, as palavras estão escritas da forma que se fala, retratando (materialmente) os sons que as palavras emitem, como vemos, como exemplo, na fala de Dave a seguir:

Dave: “Ah ain scareda them even ef they are biggern me!” (WRIGHT, 2007, p. 2067)<sup>13</sup>.

Nesse excerto, observa-se que Dave reduz o som de “I” /aɪ/ (eu) para apenas /a/. Em seguida, Dave usa *ain*, redução de “ain’t”, expressão definida por Howe (2005) como uma contração usada para fazer negações pelos falantes do *African American Vernacular English* (AAVE). O autor faz uma análise diacrônica do uso de “ain’t” e explica que essa expressão ocorre no AAVE como uma redução para *have not*, *be not* e *do not*, em tempos verbais no presente e passado. Outro exemplo é o uso de *ef*, que significa “if” (se). Nesse caso, o som /ɪ/ é substituído por /i/.

Outras contrações ou junções de palavras podem ser observadas na frase, como *scareda* e *biggern*, lidos como “scared of” (com medo de) e “bigger than” (maior que). A preposição “of” /əv/ é reduzida para /ə/ e “than” /ðæn/ para apenas /n/. Essas reduções recorrentes no Inglês falado são classificadas pelos teóricos da fonética da língua Inglesa como um tipo de *Sandhi forms* (PRATOR; ROBINETT, 1985). *Sandhi* significa “combinação”, “junção”, ou seja, mudanças na pronúncia de palavras, a depender do ambiente em que estão inseridas. Geralmente, a depender do som da palavra seguinte, é possível fazer essa junção, sendo bem mais recorrente na oralidade.

Dessa forma, além de um questionamento linguístico devido a essas ocorrências, também podemos inquirir sobre a razão pela qual a voz do negro está sendo marcada por essa troca e redução de sons. Assim como no caso da expressão “ain’t”, essas marcas da oralidade são, na verdade, características do *African American Vernacular English* (AAVE) ou *Ebonics*, uma variação linguística falada por afrodescendentes nos Estados Unidos em contextos informais. De acordo com Howe, (2005), a origem dessa variante se deu em meados do século XVII, quando imigrantes africanos e afro-americanos eram mantidos em situação de isolamento social, acarretando “enclaves linguísticos”, ambientes nos quais há uma resistência socialmente motivada do idioma. Dessa forma, os primeiros afro-americanos falavam uma variedade de inglês que estava bastante longe do padrão, usando alguns aspectos particulares, como reduções de consoantes e vogais não tônicas. Além disso, para o autor, há especulações de que algumas

<sup>13</sup> Nossa tradução: “Eu não tenho medo deles, mesmo que eles sejam maiores que eu”.

características das línguas africanas faladas pelos escravos eram incorporadas ao inglês que lhes era imposto, resultando em um inglês “creoulizado”.

De acordo com Volóchinov (2017), não é possível dissociar a ideologia da realidade material do signo, pois ele está diretamente vinculado às “formas concretas de comunicação social” (p. 110), ou seja, a materialidade verbal do signo, em todas as suas nuances, refratam ideologias socialmente estabelecidas. Dessa forma, considerando que a palavra é preenchida por sentidos ideológicos e vivenciais, é possível afirmar que, por meio do AAVE, recurso usado pelo autor na obra para construir as vozes das personagens negras (Dave e sua família, por exemplo), a realidade social vivenciada por essas personagens busca uma significação social (BAKHTIN, 2015) na vida concreta dos negros americanos durante todo o período da escravidão e do *Jim Crow*.

Primeiramente, é necessário buscarmos o contexto social e histórico que se revela nesta obra. Segundo Bakhtin (2010b), a análise, não se limitando ao campo linguístico, será feita no campo da metalinguística, definida pelo autor russo como “um estudo – ainda não constituído em disciplinas particulares definidas – daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam – de modo absolutamente legítimo – os limites da linguística” (p. 2027), pois precisará recorrer aos conhecimentos provindos de outras disciplinas que, nesse caso, é a História. Não há evidências no texto que indiquem exatamente o ano ou o local em que a narrativa se passa. Entretanto, considerando as condições de trabalho de Dave, um garoto de dezessete anos que ganhava pouco mais de dois dólares para trabalhar em uma fazenda na qual havia uma grande casa grande [“he stood straight and proud in the moonlight, looking at Jim Hawkins big white house” (WRIGHT, 2007, p. 2075)<sup>14</sup>], supostamente herdada de uma família escravocrata, dona de uma grande plantação, é possível concluirmos que se tratava do sul dos Estados Unidos, no período da Grande Depressão, que ocorreu em meados de 1930.

Essas conclusões partem das noções históricas de que a região norte dos EUA se desenvolveu com características e interesses distintos do Sul. De acordo com o site *Civil War Trust* (2014), o solo fértil e o clima quente do Sul tornaram-no ideal para o desenvolvimento de grandes lavouras e culturas como o tabaco e o algodão. Desse modo, poucos sulistas viram uma necessidade de desenvolvimento industrial, uma vez que contavam com uma mão de obra barata que gerava um lucro exorbitante. Já o norte, mais industrializado, contava mais com a mão de obra imigrante da Europa. Uma vez que a burguesia nortista era contrária à escravidão, pois

---

<sup>14</sup> Nossa tradução: “Ele estava de pé, erguido e orgulhoso ao luar, observando a grande casa branca de Jim Hawkins”.

limitava o crescimento do mercado interno, as fazendas onde negros trabalhavam, sob péssimas condições, mesmo depois de livres, se concentravam predominantemente no sul (OLIVEIRA, 2002).

Nesse contexto, podemos concluir que a variação linguística usada em “The Man Who Was Almost a Man” está relacionada tanto ao isolamento social, quanto a uma condição de vida na qual não havia acesso à educação para os negros. Tal acesso era inexistente, ou, na melhor das hipóteses, precário e não incentivado. Em outras palavras, mesmo sendo livres, pessoas negras não eram incentivadas a estudar, visto que, além de terem de trabalhar arduamente para ganhar um salário muito baixo [“Ah done worked hard” (WRIGHT, 2007, p. 2070)<sup>15</sup>], a discriminação e segregação não permitiam que eles fizessem parte de muitos ambientes sociais, como as escolas. Naquela realidade, a predominante sociedade branca garantia que os negros não tivessem acesso às mesmas oportunidades educacionais de forma igualitária (FRANKLIN; MOSS JR., 1994). Essa ideia é reforçada na narrativa de Wright em um momento específico, quando a mãe de Dave diz que irá guardar o salário do filho para que ele tenha roupas para ir à escola no inverno [“Ahm keepin tha money sos yuh kin have cloes t go to school this winter” (WRIGHT, 2007, p. 2069)<sup>16</sup>]

Segundo Franklin e Moss Jr. (1994, p. 405), na obra *From slavery to freedom: a history of African Americans*, na primeira metade do século XX, a maior parte das crianças afro-americanas estudavam por um curto prazo, frequentando escolas muito pobres, pequenas e com o mínimo de recursos em todos os níveis da educação básica. Vale salientar que existiam escolas diferenciadas para negros e brancos. Para os autores, o fato de existir uma educação “separada e desigual” causava um grande impacto em ambas as populações, pois reforçava a ideia de supremacia dos brancos no sul do país, bem como contribuía para a manutenção de desigualdades políticas e econômicas entre as populações brancas e negras.

Além disso, é evidente na obra, nas falas do patrão branco, dono de terras e plantações, que sua voz é representada de forma coerente com a norma padrão da língua inglesa, como se pode observar no trecho abaixo retirado de um diálogo entre Dave e Jim Hawkins:

Dave: “Ah didn’t know Ah wuz gittin up sp early, Mistah Hawkins. Ah wuz fixin t hitch up ol Jenny and take her t the fiels”

Jim Hawkins: “Good. Since you’re so early, how about plowing that stretch down by the woods?” (WRIGHT, 2007, p. 2071)<sup>17</sup>

<sup>15</sup> Nossa tradução: “Eu tenho trabalhado duro”.

<sup>16</sup> Nossa tradução: “Vou guardar o dinheiro, assim você terá roupas para ir à escola nesse inverno”.

<sup>17</sup> Nossa tradução: “‘Eu não sabia que tinha acordado tão cedo, Sr. Hawkins. Eu estava me preparando para arrumar a velha Jenny e levá-la para o campo’ ‘Ótimo. Já que veio tão cedo, que tal arar aquele trecho da mata?’”.

O uso do Inglês padrão (*Standard American English*) sugere que o padrão branco teve acesso a um nível de escolaridade muito superior à de Dave. Além disso, reafirma sua posição de superioridade numa sociedade na qual os negros eram vistos apenas como mão de obra barata, consequência do período escravocrata nos Estados Unidos, que teve fim em 1865, com o fim da Guerra Civil Americana. É importante lembrarmos que a posição de inferioridade atribuída aos negros nessa sociedade não era só ocasionada pelo preconceito, mas reforçada por lei. De acordo com Melo Jr. (2013, p. 58), a partir de uma *linha de cor* seria estabelecida a condição de superioridade ou inferioridade de um indivíduo. Na parte final do conto de Richard Wright, Dave se revolta ao refletir sobre sua dura realidade e declara que tudo que fez em sua vida foi trabalhar e que, ainda por cima, é tratado como um animal, condição atribuída aos negros nesse contexto social [“They treat me like a mule, n then they beat me” (WRIGHT, 2007, p. 2074)<sup>18</sup>].

Melo Jr. (2013) comenta a visão de Nott e Gliddon (1868), que consideravam o negro como um ser inferior ao branco, tanto em aspectos físicos quanto morais. Para o autor, seria necessária, portanto, a criação de um *código de conduta* para que os negros, escravos ou livres, não pudessem viver da mesma forma que os brancos, sendo separados e tratados de forma discriminada em todos os aspectos de suas vidas. Posteriormente, apesar de a escravidão ter sido abolida nos Estados Unidos, a segregação continuava da mesma maneira, uma vez que a sociedade branca ainda mantinha práticas racistas.

Nos anos posteriores a 1877, o período chamado de Reconstrução, os negros continuavam a perder seus direitos, até mesmo o de votar. A era Jim Crow representa o momento em que a Suprema Corte aprovou, em 1896, a legalização das práticas de segregação racial. Essas práticas negavam aos negros o direito de compartilhar as mesmas esferas sociais que brancos, como a escola, transporte público, áreas de lazer e até mesmo o casamento inter-racial (PACHECO, 1983). Esse momento representou um grande retrocesso em relação às conquistas dos negros iniciadas na Guerra Civil.

Além das ideologias sociais que preenchem dialogicamente o conto “The Man Who Was Almost a Man”, também é necessário considerar *o falante*, cujas ações e palavras são ideologicamente marcadas (BAKHTIN, 2015). Segundo Sobral e Giacomelli (2016), em uma análise dialógica, para entender o discurso, ou seja, a língua em uso social, preenchida ideologicamente, é necessária a compreensão do contexto, dos participantes da situação e suas relações. Com base nessas considerações, é notório que, no discurso de Dave, há uma imensa

---

<sup>18</sup> Nossa tradução: “Eles me tratam como uma mula, e então eles me batem”.

busca por respeito, motivo pelo qual ele tanto almejava ser visto como um homem. Observemos o exemplo a seguir:

Dave: “Ahm ol ernough to hava gun. Ahm seventeen. Almost a man ! [...] Ahm gittin t be a man like anybody else!” (WRIGHT, 2007, p. 2067)<sup>19</sup>

Dave: “Ah’d like t scare ol man Hawkins jusa little... Jusa enough t let im know Dave Saunders is a man.” (WRIGHT, 2007, p. 2075)<sup>20</sup>

A busca de Dave por respeito, tanto de brancos quanto de negros que zombavam dele por ter uma pequena estatura, é corroborada na voz do narrador, quando afirma que, tendo uma arma, “eles” (tanto brancos quanto negros) “teriam que respeitá-lo” (WRIGHT, 2007, p. 2071)<sup>21</sup>. Para Dave, a ideia de ser um homem ou quase homem (“almost a man”) não estava relacionada somente à idade, mas ao respeito que teria. A linguagem particular dessa pessoa que fala (personagem), que busca por uma significação social, ecoa também as próprias vozes sociais (BAKHTIN, 2015).

Desse modo, numa sociedade onde negros estavam numa posição social tão baixa ao ponto de serem animalizados, ele acreditava que apenas com uma arma em mãos seria possível ter algum tipo de poder perante a classe que o discriminava [“In the gray light of dawn he held it loosely, feeling a sense of power. Could kill a man with a gun like this. Kill anybody, black or white” (WRIGHT, 2007, p. 2070)<sup>22</sup>]. Além disso, Dave também contava com a proteção que ela poderia lhe oferecer. Vejamos o excerto a seguir:

Dave: “But, Ma, we needa gun. Pa ain got no gun. We needa gun in the house. Yuh kin never tell whut might happen [...] Please, Ma. I kin give it to Pa...” (WRIGHT, 2007, p. 2070)<sup>23</sup>

Ao ler essa passagem, evidenciamos que a mãe de Dave só lhe deu os dois dólares quando ele a convenceu que trará a arma diretamente para o seu pai. Nesse momento, ela reconhece que eles realmente precisam de proteção [“Lawd knows yuh don need no gun. But yer pa does” (WRIGHT, 2007, p. 2070)<sup>24</sup>]. De acordo com Sowell, juntamente com a repressão política e legalizada dos negros sulistas, o número de linchamentos de pessoas negras cresceu consideravelmente: com passar do tempo, “o linchamento tornou-se principalmente uma

<sup>19</sup> Nossa tradução: “Eu tenho idade suficiente para ter uma arma. Eu tenho 17 anos. Quase um homem! [...] Eu vou ser um homem como todos os outros!”.

<sup>20</sup> Nossa tradução: “Eu gostaria de assustar o velho Hawkins só um pouco... Apenas o suficiente para ele saber que Dave Saunders é um homem”.

<sup>21</sup> Texto original: “They would have to respect him”.

<sup>22</sup> Nossa tradução: “Na luz cinzenta do amanhecer, ele segurou [a arma] frouxamente, sentindo uma sensação de poder. [Ele] poderia matar um homem com uma arma assim. Matar qualquer um, negro ou branco”.

<sup>23</sup> Nossa tradução: “Mas, mãe, nós precisamos de uma arma. Pai não tem uma arma. Nós precisamos de uma arma na nossa casa. Nunca se sabe o que pode acontecer [...] por favor, mãe. Eu posso dá-la para o pai”.

<sup>24</sup> Nossa tradução: “O Senhor sabe que você não precisa de uma arma. Mas o seu pai precisa”.

questão de brancos matando negros” (1988, p. 234), uma vez que havia grupos e sociedades secretas que aterrorizavam negros pelas ruas com linchamentos, castrações e destruição de suas casas (CASHMORE, 2000). Além disso, eram açoitados e mortos por razões banais ou que sequer existiam. Segundo Frederickson (1971), ao serem acusados de crimes, eram tirados das autoridades e enforcados, queimados vivos ou mortos por arma de fogo.

Fica perceptível, portanto, na análise dos excertos do conto, que a língua, matéria do artista da palavra (VOLOSHINOV, 1983d), Richard Wright, no conto “The Man Who Was Almost a Man”, representada em sua oralidade e variações (desde o AAVE falado por Dave ao inglês padrão falado pelo seu patrão branco, Jim Hawkins), reflete e refrata posições sociais não apenas das personagens que compõem o conto, mas de sujeitos sociohistóricos que protagonizaram as tensas relações entre brancos e negros no sul dos Estados Unidos durante o período Jim Crow, em que os primeiros subjugarão homens e mulheres afro-americanos com base em ideologemas que defendiam a inferioridade de todos os afrodescendentes (independentemente da cor da pele), levando-os a uma segregação geográfica e social.

### **Considerações finais**

Neste artigo, por meio da análise do conto “The Man Who Was Almost a Man”, do autor afro-americano Richard Wright, buscamos examinar a fala do protagonista do conto, Dave, e compará-la com a do seu empregador branco, Jim Hawkins, a fim de identificar os discursos que perpassam essas falas ou vozes sociais.

Para tal, pautamo-nos em conceitos da ADD, que aponta para caminhos teórico-metodológicos que permitem uma análise que não fica limitada à materialidade do texto literário. Percebendo a palavra como signo ideológico (VOLÓCHINOV, 2017; VOLOSHINOV, 1983b) e, por conseguinte, a pessoa que fala no romance (na prosa em geral) como um ideólogo e a sua fala como ideologema (BAKHTIN, 2015), foi possível analisarmos a fala de Dave, marcada pela oralidade no AAVE, em contraste com a fala do seu empregador branco, marcada pelo uso do inglês padrão (norma culta da língua inglesa), não apenas pelos seus aspectos linguísticos propriamente ditos (em especial, os fonéticos), mas pelo seu valor/posicionamento histórico-ideológico.

Esse movimento metodológico de análise (do texto ao contexto, da materialidade ao contexto social concreto), pautado nos escritos de Voloshinov (1983c) e Bakhtin (2010b), permitiu-nos, portanto, responder à pergunta de pesquisa, declarando que as marcas de

oralidade presentes na fala de Dave, tornando-a tão distinta da fala do seu empregador branco, não apenas refletem e refratam o posicionamento social da personagem no contexto do enredo do conto, mas demandam uma significação sociohistórica do posicionamento de inferioridade a que o afrodescendente nos Estados Unidos era subjugado, desde o período da escravidão até o período *Jim Crow*, período em que a obra é primeiramente publicada. As marcas de oralidade não são apenas marcas de um inglês falado informalmente por meio de uma variação linguística da língua inglesa, mas marcas sociais e históricas de pessoas que foram segregadas legalmente e submetidas a códigos de conduta diante da sociedade branca (MELO JR., 2013; PACHECO, 1983), que lhes conferiu as piores condições de subsistência e de escolaridade (FRANKLIN; MOSS JR., 1994), buscando que esses homens e mulheres, negros e negras, fossem *quase* homens e *quase* mulheres. Dessa forma, a fala da personagem, dessa pessoa que fala (esse ideólogo), marcada pela oralidade na variação AAVE, deixa de ser um dialeto individual e passa a ser ideograma, um ponto de vista particular e peculiar sobre o mundo, que “aspira a uma significação social” (BAKHTIN, 2015, p. 125).

Esperamos, portanto, que este trabalho tenha contribuído para os estudos da literatura afro-americana no Brasil, permitindo que os seus leitores reais possam ter sido enriquecidos com uma pequena parcela da obra de Richard Wright e ter feito relações dialógico-discursivas com a sua própria realidade literária e social no Brasil, pois é por meio desse encontro que as próprias culturas “se enriquecem mutuamente”, tendo em vista que “[a] cultura do outro só se revela com plenitude e profundidade [...] aos olhos de outra cultura” (BAKHTIN, 2010a, p. 366). Mas, acima de tudo, convencidos de que “[a] prosa ficcional pressupõe uma sensação premeditada de concretude histórica e social e relatividade da palavra viva, de sua participação na formação histórica e na luta social” (BAKHTIN, 2015, p. 122), esperamos ter contribuído para dar voz, por menor que seja, àqueles que foram silenciados pelo discurso de superioridade de um grupo social que se posiciona social e historicamente como superior a outros sujeitos e grupos sociais, uma realidade concreta e viva experimentada não somente nos estados Unidos, mas aqui no Brasil, em que pessoas, devido a questões de gênero, identidade de gênero, cor da pele, orientação sexual, sexualidade, entre outras, são subjugadas a uma vida de *quase* homens e/ou *quase* mulheres.

## Referências

BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: a estilística*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015. p.19-241.

\_\_\_\_\_. Os estudos literários hoje: (resposta a uma pergunta da revista *Novi Mir*). In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010a. p. 359-366.

\_\_\_\_\_. Problemas da poética de Dostoiévski. Trad. Paulo Bezerra. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.

BAYM, N. (Ed.). *The Norton Anthology of American Literature*. 7.ed. New York: W. W. Norton & Company, 2007.

BEZERRA, P. Breve glossário de alguns conceitos-chave. In: BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: a estilística*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015. p.243-249.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 9-31.

CASHMORE, E. *Dicionário de Relações Étnicas e Raciais*. Trad. Dinah Kleve. São Paulo: Summus, 2000.

DEROUICHE, A.; MIRAOU, N. *The Development of African American Literature*. 55 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras e Línguas Estrangeiras, University Of Tlemcen, Tlemcen, 2016. Disponível em: <<http://dspace.univ-tlemcen.dz/bitstream/112/9031/1/aicha-derouiche.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2017.

EMERSON, C. Editor's Preface. In: BAKHTIN, M. *Problems of Dostoevsky's Poetics*. Trad. Caryl Emerson. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 1984. p. xxix-xliii.

FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FLORES, V. et al. *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

FRANKLIN, J.; MOSS JR., A. *From Slavery to freedom: a history of African Americans*. 7. ed. New York: McGraw-Hill, Inc., 1994.

GRAHAM, M.; WARD, J. (Ed.). *The Cambridge history of African American literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

HIGH, P. *An outline of American literature*. New York: Longman Inc., 1986.

HOWE, D. Negation in African American Vernacular English. In: IYEIRI, Y. (Ed.). *Aspects of English negation*. Philadelphia: John Benjamins Co., 2005. p. 173-203.

MELO JÚNIOR, O. Língua e Literatura em diálogo: uma análise dialógica de *El Sonavabitch* de Gloria Anzaldúa e suas implicações. *Calidoscópio*, v. 14, n. 1, p.145-158, 2016. Disponível em: <<http://doi.org/10.4013/cld.2016.141.13>>. Acesso em: 20 set. 2017.

\_\_\_\_\_. *Literatura e racismo: uma análise intercultural*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2013.

MOSKOWITZ, M. *The Enduring Importance of Richard Wright*. 2008. Disponível em: <[http://www.jbhe.com/features/59\\_richardwright.html](http://www.jbhe.com/features/59_richardwright.html)>. Acesso em: 28 ago. 2017.

NORTH and South: different cultures, same country. *Civil War Trust*. 2014. Disponível em: <<http://www.civilwar.org/education/history/civil-war-overview/northandsouth.html>>. Acesso em: 20 set. 2017.

NOTT, J. C.; GLIDDON, G.R. *Types of mankind: or, ethnological researches*. Philadelphia: J.B. Lippincott, 1868. Disponível em < <https://archive.org/details/typesofmankindor00nott>>. Acesso em: 20 set. 2017.

OLIVEIRA, C. *O processo de industrialização: do capitalismo originário ao atrasado*. São Paulo: UNESP, 2002.

PACHECO, J. F. *O problema do racismo nos Estados Unidos*. Curitiba: Editora UFPR, 1983.

PRATOR, C.; ROBINETT, B. The Sandhi of Spoken English. In: PRATOR, C.; ROBINETT, B. *Manual of American English pronunciation*. 4.ed. Fort Worth, TX: Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1985. p. 189-203.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso - ADD. *Domínios de Linguagem*, v. 10, p. 1076-1094, jul. 2016. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/download/35674/18796>>. Acesso em: 20 set. 2017.

SOWELL, T. *Etnias da América: a história dos principais grupos étnicos*. Rio de Janeiro: Forence, 1988.

VOLOCHINOV, V.N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

\_\_\_\_\_. The construction of the utterance. Trad. Noel Owen. In: SHUKMAN, Ann (Ed.). *Bakhtin school papers*. Oxford: RPT Publications, 1983a. p. 114-137.

\_\_\_\_\_. The word and its social function. Trad. Joe Andrew. In: SHUKMAN, Ann (Ed.). *Bakhtin school papers*. Oxford: RPT Publications, 1983b. p. 139-152.

\_\_\_\_\_. Discourse in life and discourse in poetry: questions of sociological poetics. Trad. John Richmond. In: SHUKMAN, A. (Ed.). *Bakhtin school papers*. Oxford: RPT Publications, 1983c. p. 5-29.

VOLOSHINOV, V. What is language? Trad. Noel Owen. In: SHUKMAN, A. (Ed.). *Bakhtin school papers*. Oxford: RPT Publications, 1983d. p. 93-113.

WRIGHT, R. The man who was almost a man. In: BAYM, N. (Ed.). *The Norton anthology of American Literature*. 7. ed. New York: W. W. Norton & Company, 2007. p. 2067-2075.